



Um detalhe de peça cerâmica tupiguarani

Os tupiguarani já povoavam a Região antes do ano 1500

Os tupiguarani que existiram no Nordeste do Brasil antes do descobrimento habitavam quase sempre em aldeias compostas por várias ocas. Em alguns casos, entretanto, moravam em uma única oca, como já foi comprovado através de pesquisas realizadas pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, revela o professor Marcos Albuquerque, responsável pelas investigações arqueológicas.

Pesquisas de laboratório e de campo demonstraram que os tupiguarani habitaram praticamente todo o Brasil, sobretudo a faixa costeira. Em Pernambuco foram descobertos vários sítios arqueológicos pertencentes a essa tradição cultural, em regiões do Agreste e até mesmo do Sertão, constatando grande ocupação desse grupo em território pernambucano.

Basicamente, estão os tupiguarani incluídos entre os habitantes de floresta tropical, possuindo hábitos de vida bem característicos. Eram agricultores, cultivando sobretudo a mandioca, que constituía seu alimento principal. Para tal, desenvolveram uma já complexa tecnologia de plantio e sobretudo de preparo, pois, como se sabe, possui a mandioca o ácido cianídrico que se torna letal quando ingerido.

Embora seja aparentemente simples a eliminação desse ácido pelas populações rurais, deve-se levar em consideração toda a problemática da sua descoberta por aquela população pré-histórica. A tecnologia da mandioca exigia grande variedade de utensílios e cerâmicas, sendo os tupiguarani, excluindo-se os ceramistas do Norte (Marajó, Santarém etc.), os que possuíam uma vasta experiência ceramista, sobretudo em qualidade.

A grande tradição tupiguarani que habitou o Brasil encontra-se dividida arqueologicamente em três subtrações: a pintada, a corrugada e a escovada — esta subdivisão está relacionada com aspectos decorativos e possui uma conotação cronológica.

Além da cerâmica, possuíam os tupiguarani grande quantidade de artefatos confeccionados em pedra, alguns dos quais polidos e outros lascados. Entre estes últimos predominam as peças de sílex. Foi este grupo que manteve os primeiros contatos com o português por ocasião da instalação da Feitoria de Cristóvão, em 1516, no litoral do Estado de Pernambuco. Sepultavam seus mortos em urnas funerárias de cerâmica, acompanhados quase sempre de utensílios do morto, como tambentás (adornos labiais), peças de colar e outros.

A equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, chefiada pelo arqueólogo Marcos Albuquerque e composta pelos pesquisadores Suely Luna, Ana Nascimento, Cláudia Alves, Sílvia Andrade Lima e Claristella Alves, retornou recentemente de trabalhos de campo em que foram escavados vários sítios arqueológicos dessa tradição cultural, tendo sido recolhida grande quantidade de material cerâmico e lítico que está sendo no momento submetido a análise de laboratório.

Foram descobertos recentemente alguns vestígios dessa tradição no Alto Sertão pernambucano, o que vem modificar o que se pensava a respeito de sua ocupação e penetração no Estado. Por esta razão, a próxima campanha de escavação será realizada naquela região, a fim de que se complemente o mosaico da ocupação desta tradição pré-histórica brasileira.